

# A campanha embirutou

Villas-Bôas Corrêa

Nunca se viu campanha presidencial igual ou parecida com esta que se retrata nas pesquisas, abundantes e coerentes, compondo álbum com seriado de flagrantes datados a intervalos curtos, que não costumam passar de uma semana.

Pesquisa é polêmica por uma espécie de maldição que decorre da sua própria natureza e das desconfianças da natureza humana, quando interesses e ambições estão em jogo.

Por isso compreende-se que muitos duvidem dos números, rejeitem índices, questionem métodos de avaliação das tendências. Além da ótica muito especial dos envolvidos: os favoritos juram pela pureza dos dados; os desfavorecidos resmungam suspeitas ou botam a boca no trombone para a denúncia de arranjos escabrosos.

Ressalvas registradas, vamos aos números e suas avaliações.

O Ibope estava, ontem, na metade da apuração das 2.750 fichas da sua quinta pesquisa nacional — o que representa um excelente apontador dos índices finais.

Os números são de esbugalhar olhos de espanto. Não de surpresa mas pela velocidade com que o eleitorado está definindo ou mudando seu voto.

Se o primeiro turno fosse hoje, pelos índices do Ibope, Fernando Collor de Mello estaria eleito presidente da República com folgada maioria absoluta de votos, dispensando a confirmação do segundo turno.

A constatação mais intrigante é que só Collor continua subindo e em velocidade crescente, enquanto todos os outros ou despenham escada abaixo ou estacionam nos primeiros degraus.

Collor de Mello deve chegar aos 45% das tendências de votos. Como indecisos, brancos e nulos, por enquanto, giram em torno de 20% ou pouco menos, é só fazer as contas e conferir que o fenômeno alagoano já furou o teto da maioria absoluta e dispara para as nuvens.

A pesquisa não esgota sua cota de novidades no registro da vertiginosa ascensão de Collor — um desafio a analistas e sociólogos, qualquer que seja o resultado da eleição.

Collor está cavoucando votos em todas as áreas, em todas as faixas, em todos os níveis, em todo o país e, o que é mais significativo, transferindo intenções de voto de todos ou quase todos os demais candidatos.

Por isso, só ele infla, enquanto murcham os balões dos adversários.

O ponteiro das primeiras pesquisas, Leonel Brizola, vem escorregando dos 19% do seu índice máximo e é provável que ainda permaneça nos dois dígitos, em 10% ou um pouco acima. Em todo o caso, mantém o segundo lugar com boa folga sobre o terceiro.

É no número três da relação que poderá ocorrer uma alteração tão inesperada quanto intrigante na sua justificação. O candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, talvez caia para quarto lugar, cedendo gentilmente sua posição para o doutor Ulysses Guimarães.

Para um doutor Ulysses que não se mexe, que não sai dos 7%, empacado em índice muito aquém da importância histórica da sua presença na transição e da força da máquina do seu partido: um PMDB em pan-



darecos mas com estrutura majoritária, governadores, prefeitos, deputados, vereadores, espalhados por toda parte, até a mais remota biboca.

Ulysses parado — apesar do foguetório de Guanambi, do desabafo e explicações do governador Miguel Arraes, da reconciliação que ficou pela metade — pode assistir da janela do seu sétimo andar, as barbas do Lula precipitando-se, aos trambolhões, para estacar a seu lado ou um ou dois pisos abaixo. Lula entrou em queda livre. Só outra reviravolta conseguirá sustá-lo antes que se esborrache, para tentar içá-lo às alturas que chegou a frequentar, antes de assustar a classe média com o grevismo comandado pela CUT, com o apimentado da violência, da ocupação de prédios públicos e outros excessos.

Trocar Lula por Ulysses, em passo de contradição executado no mesmo lugar, pode apoquentar o coração dos petistas mas não chega a aliviar o sufoco do PMDB. Não merece um cálice de *poire* para a comemoração no Piantella.

A campanha está a exigir um esforço sério de análise, com o arquivamento de preconceitos e economia de adjetivos.

Antes de discutir se Collor merece o favoritismo, em escala jamais vista em qualquer sucessão presidencial, inclusive a de Jânio Quadros, conviria queimar os miolos para entender o inesperado.

Antes de mais nada, é conveniente reconhecer que a campanha está antecipando definição — claro que sujeita a mudanças — pela influência avassaladora da televisão. É a TV, secundada pelo rádio e a imprensa escrita, que popularizou Collor e retifica antigas preferências por outras lideranças menos favorecidas pela aceitação do eleitor.

Alegar que estamos diante de uma montagem misticadora não altera em nada a evidência de uma avalanche que pegou a todos desprevenidos. E que, de um jeito ou de outro, alterou cálculos, está obrigando a reformulação de esquemas e virou pelo avesso o modelo que se antevia para a campanha.

Táticas untadas de espertezas foram para o espaço. O palpite da decisão nos dois meses finais com a massificação da campanha pela propaganda gratuita em rede nacional de rádio e televisão não parece convincente. A expectativa de grandes debates, ajudando o eleitor a decidir sua preferência pela comparação dos concorrentes, pode ser cancelada. Não deve haver debate.

Collor está com tal sobra que seu único cuidado é administrá-la competentemente para não dissipar a fortuna.

Não basta que outro cresça, no contraponto ao favorito. É preciso que Collor murcha.

Bem, faltam ainda cinco meses e seis dias para a rodada de 15 de novembro. Tempo de sobra para a reversão do eleitorado. Pode ser. Mas, seria novidade a mais. Não aconteceu antes. Nem disparada que supere a maioria absoluta nem queda do candidato que subiu na campanha e não na véspera, nos empurrões de popularidade conquistada em outra atividade profissional.

Aqui no Rio, Collor encosta com Brizola, em virtual empate.

Fechar os olhos não muda a paisagem. A campanha está exibindo filme inédito. Só não se sabe todo o enredo, como vai acabar. Mocinho perde para o xerife, quando o autor embiruta e o diretor adere ou não consegue controlar o elenco.